OS TRAUMAS DO BRASIL QUE IMPEDEM

SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E HUMANO:

Inquisição, colonização, genocídios indígena e afro-brasileiro – a crueldade do Deus transcendente patriarcal.

Vitor Pordeus contato@upac.com.br Universidade Popular de Arte e Ciência www.upac.com.br Jan 2017

Resumo

Os traumas que constituem entrave ao desenvolvimento do Brasil têm sua origem, segundo o nosso diagnóstico, na baixa autoestima e na fragmentação de nossa autoimagem, típicas de povo colonizado e provocadas pelos imensos traumas históricos e transgeracionais, nomeadamente: a Inquisição e os genocídios de indígenas e de afro-brasileiros ainda em curso. O brasileiro descende do encontro entre povos oprimidos e elites opressoras, situação que produz esquizofrenia social e fragmentação da mente coletiva. O resultado foi uma sociedade economicamente rica, mas socialmente muito pobre, com a maior taxa absoluta de homicídios do planeta, alta mortalidade infantil, índices de educação ainda medievais, e a falência histórica da construção de uma cultura de igualdade, cooperação e de aceitação das próprias origens, pré-requisito para um regime democrático próspero com liberdade de expressão.

Introdução

A palavra “diagnóstico” vem do grego (dia = “através” e gignósko = “conhecer, saber”) e quer dizer conhecimento sobre a história do paciente, para que lhe seja feita a revelação de seu problema, a partir de uma relação de profunda confiança de vida e morte entre o médico e o doente. Para que a arte médica funcione, aprendemos na escola médica que 70 a 80 % do diagnóstico vêm da história da pessoa, uma boa relação entre o médico e o paciente, e a investigação adequada da história. A partir desses requisitos será possível formular uma hipótese diagnóstica que orientará o exame físico, a ausculta, palpação e percussão das diferentes partes do corpo do paciente. A

requisição de exames complementares, como radiografias e hemogramas, serão de caráter confirmatório da hipótese diagnóstica. Bem diagnosticado o caso, o médico deverá consultar a melhor evidência científica disponível assim como sua experiência e intuição clínica, para propor o esquema terapêutico, que obedecerá a tradição médica de seu tempo e cultura, oferecendo as melhores experiências terapêuticas disponíveis para a resolução da doença bem investigada, diagnosticada e tradada.

Com as doenças psíquicas, este quadro se complica consideravelmente pois o paciente geralmente perde a capacidade de se expressar conscientemente. Seja nos transtornos psíquicos, onde há a preservação da consciência, como as síndromes depressivas, ansiosas, transtornos do humor, ou nos transtornos mais graves onde há a perda da consciência, como as psicoses e a esquizofrenia, o paciente perde a autonomia da expressão consciente.

Por expressão consciente, me refiro-nos a , condutas e ações em que o indivíduo demonstre boa capacidade de planejar, executar e avaliar suas performances com o mundo, construindo coerência e desenvolvimento. Nas doenças psíquicas, com o desempenho pessoal no mundo está comprometido, demonstra graus variados de autodestruição, que mais ou menos inconscientes, levam o indivíduo, a família, a comunidade, a cidade, a nação e o mundo àa dor, sofrimento, guerras, homicídios, suicídios, violências e todas as formas de miséria humana. Doenças mentais, porque nos arrastam inexoravelmente para a tragédia, produzem comportamentos compulsivos, excessivos, descontrolados, vícios, furtos, roubos, agressões, estupros e assassinatos. "O homem é o único perigo para ele próprio” (Jung C interview youtube). Tudo obra do inconsciente humano. Obra das sombras, das obscuridades, daquilo que ignoramos, rejeitamos, pouco compreendemos, que é o vasto oceano psíquico que nos rodeia, onde nossos egos, nossas consciências, o conjunto das ideias que temos sobre nós próprios e nosso corpo, representam ilhas rodeadas por imenso mar ancestral, muito mais vasto e misterioso que pode supor nossa vã filosofia (Shakespeare, Hamlet 1601).

Diversos autores demonstram que, nos casos do adoecimento psíquico, a anamnese deverá se estender não somente às palavras mas também a imagens, símbolos, expressão plástica, dança, teatro, artes expressivas em geral que, conforme experiência sistemática, oferecem meio de acesso ao mundo interno do indivíduo e ao inconsciente coletivo. (Silveira N 1977, Jung 1985). Trata-se de recurso fundamental para conhecer as sombras que governam nossa espécie. Na dança entre luz e sombra de nossa atividade psíquica, há de se observar a permanente oposição estre essas polaridades: consciente-inconsciente, luz-sombra, masculino-feminino, conhecimento-ignorância, superior-inferior, herói-vilão e assim por diante. Devemos encarar historicamente a insalubridade psíquica da organização cultural humana, quando verificamos a realidade de injustiça social persistentemente mantida, os níveis históricos de opressão sobre certas populações, o genocídio de classe, de cor da pele, de religião, a maneira como são tomadas as decisões políticas, a corrupção, a completa falta de responsabilidade, ética e compromisso com a realidade das ações; quando constatamos o desajuste entre o que se fala e o que se faz, a completa separação entre gesto e palavra, e persistência neste modelo de comportamento, gerando níveis insustentáveis de degradação humana e ambiental, marcada pelas dicotomias competitivas entre indivíduos dentro e fora das famílias, entre as famílias, comunidades, cidades e países.

Devemos ainda constatar que nem sempre foi assim. Sabemos, a partir das descrições paleo-antropológicas e da biologia contemporânea, que nem sempre nossa existência foi marcada pela dominação, pela afirmação da verdade de um sobre o outro. Sabemos que as origens da humanidade, , quando divergimos de nossos ancestrais primatas chimpanzés e surgimos como espécies de grandes primatas bípedes, convivíamos em grupos, liderados pelas fêmeas, cooperávamos intensamente pela sobrevivência do pequeno grupo, dominando o fogo, sentando em roda, usando colares de contas, desenvolvendo a dança, o canto, a voz rítmica (McNeil W A Short History of Humankind 2000), os significados comuns, a coordenação consensual de condutas (Maturana 1985), configurando o modo de viver na

linguagem, o “linguagear”, segundo o neurobiólogo chileno Humberto Maturana.

Com o advento das religiões patriarcais, de um Deus único, portador da verdade única - sendo o exemplo prototípico, na cultura ocidental, o judaísmo, fundado pelo patriarca Abraão, que se dispôs a sacrificar o próprio filho para demonstrar sua fé -, vemos a sucessiva tentativa de dominação entre povos portadores da verdade do Deus único, que negam a todas as outras crenças - geralmente politeístas, animistas e ligadas às forças da natureza -, fazem guerras, violências inomináveis, inquisições, conversões forçadas. Esse movimento de dominação de um povo sobre outro vale-se, em geral, da religião para satisfazer o desequilíbrio psicológico produzido pela excessiva afirmação de um único Deus, de uma única versão da história, da superioridade de um povo sobre o resto, culminando nos regimes de opressão e dominação política que tão bem caracterizam os últimos sete mil anos de nossa história, o período de ascensão do patriarcado.

A compreensão deste processo histórico humano dos últimos três milhões de anos nos parece essencial para compreender o quadro de crise de saúde mental mundial que estamos lidando, onde há a exaustiva tentativa de dominação da natureza, de abuso sobre a terra, sobre as mulheres e as crianças. Um mundo de uma verdade masculina, branca, bruta, guerreira sobre todo o resto, com o aniquilamento da diversidade e da diferença. Esta maldição nasce no Ocidente, no fanatismo da afirmação de um único deus como superior à infinidade de deusas, deuses andróginos, hermafroditas, e toda a variedade mitológica que nossa cultura produziu.

Essa mentalidade monoteísta, que veio crescendo até dominar a humanidade, está na base de todos os grandes traumas históricos que moldaram a mentalidade de nossos ancestrais até o presente. Essa mentalidade levou ao projeto imperialista de evangelização cristã do mundo, e a perseguição, assassinato, conversão forçada e assédio ideológico das populações mediterrâneas, ameríndias e africanas.

Início de Anamnese dos Grandes Traumas Inconscientes Brasileiros

A Santa Inquisição – genocídio e conversão forçada de judeus, árabes, bruxas e outros modos de interpretar a natureza.

A Inquisição operou por 285 anos no Império Português. Na Torre do Tombo, em Lisboa, estão arquivados 40 mil processos do período, em que pese a imprecisão das informações, dada a corrupção, o regime de segredo e a repressão extrema. De 1536 a 1821, esse poderoso Tribunal, aparelho das elites político-religiosas, julgou, condenou, deportou, queimou vivo em festividades públicas, perseguiu, expropriou bens, desmoralizou dezenas de milhares, talvez centenas de milhares de pessoas. O crime era, basicamente, ser diferente: Judeus, muçulmanos, luteranos, mas também feiticeiras, sodomitas, bígamos, hereges e blasfemos, eram perseguidos. A Santa Inquisição era um dos pilares de um regime político onde a oligarquia cristã impunha violência extrema - eram recorrentes os assassinatos com requintes de crueldade e exibicionismo - controle religioso e ideológico, verdadeiro terror, que operou na cultura brasileira fundacional, por quase três séculos. E ao olhar o grau de autoritarismo que testemunhamos na sociedade brasileira, a justificativa espiritual do genocídio dos outros povos subsiste. As marcas profundas do terror ideológico colonizador-inquisitorial persistem, em nosso temor em conhecer nossas origens e ancestrais, na submissão irracional à autoridades corruptas, no medo de se desenvolver. Nossos ancestrais colonizadores vieram marcados por uma fé cega, que utilizava a demonização das diferenças culturais como forma de dominação ideológica, expediente de desconcertante atualidade em 2016. A Inquisição está viva, sequer passada, apenas transformada, e exigirá imensa resistência cultural, ritual, ideológica, consciente e política. A mesma resistência cultural de nossos ancestrais que produziu nossa perspectiva de mundo capaz de sobreviver a esses processos e superá-los, por meio de nossa expressão cultural original fundadora da identidade brasileira.

A colonização – genocídio indígena.

O antropólogo Darcy Ribeiro nos ensinou que o mecanismo da formação da identidade do povo brasileiro está profundamente relacionado com o “cunhadismo”,a tradição indígena de dar uma mulher ao estrangeiro. Alguns colonizadores portugueses, no primeiro século, tinham centenas de mulheres e milhares de filhos. Aí se iniciou a formação da identidade brasileira, que não sendo portuguesa nem tampouco indígena, construiu-se no caminho do meio, oprimido por um pai colonizador e cruel, que acabou se revelando psicopata genocida, segundo termos da psiquiatria moderna, e rejeitado pela tribo, tendo que construir uma cultura nova. A construção dessa cultura nova passa pela compreensão desse trauma original, não só no Brasil, mas em todas as Américas. Os colonizadores, recebidos como parte da família - no caso do cunhadismo brasileiro -, ou até mesmo como deuses no caso dos astecas -, revelaram-se estupradores, assassinos, exploradores cruéis, opressores culturais e ideológicos, que atuaram para destruir as culturas autóctones, por meio da violência física, da brutalidade, e também através da ideologia das conversões forçadas, da evangelização e da educação jesuítica. A pedagogia opressiva implementada pelo colonizador persiste em nosso sistema educacional e funciona como uma barreira que impede que o povo brasileiro encontre sua diversidade antropológica e cultural, seu afeto, sua memória, sua história e consciência coletiva, para que finalmente venha a cooperação e a organização comunitária e política, de que nossos ancestrais índios são poderoso exemplo, manifestado na organização cultural e política da tribo, a verdadeira democracia direta, que sempre funcionou e há de funcionar como instituição política e educacional em nosso país.

Calcula-se a população de indígenas no Brasil na época do descobrimento em aproximadamente 5 milhões de pessoas; hoje resistem 850 mil. As recorrentes notícias de assassinatos da população indígena no Brasil e nas Américas são sintomas inequívocos de que a doença genocida não é passada, está viva e em ação. Daí a necessidade de ganharmos consciência coletiva sobre ela imediatamente, gerando comunicações de grande alcance coletivo, como programas de televisão, filmes na internet, congressos sobre o tema, ocupações de espaço público, desenvolvimento do tema em

comunidades afetadas e geradoras de conflito, educação e cultura - arte é ar, ciência é luz, capazes de dissolver a matéria obscura e imobilizante do trauma transgeracional.

A escravidão – genocídio africano e afro-brasileiro.

A escravidão tem remotas origens no mundo antigo e até mesmo na mitologia, desde a escravidão dos hebreus no Egito até a escravidão dos Ciclopes por Zeus e os deuses olímpicos. A prática da escravidão, como dominação política e econômica de um povo, sobrevive até os tempos de hoje. Também com regularidade somos surpreendidos com tristes notícias de que foram encontrados seres humanos em condições análogas à escravidão, em fazendas de grandes proprietários rurais no Brasil. O trauma é repetitivo e insere-se de novo e de novo através dos impulsos trágicos de nossa história marcada pela violência física e -psicológica.

O Rio de Janeiro foi o maior porto de escravos das Américas. Por ali, estima-se, entraram 10 milhões de escravos, uma grande parte chegava já morta ou doente da viagem. Os mortos eram enterrados em vala coletiva no cais do Valongo, ao lado da praça Mauá. Obras de renovação urbana realizadas recentemente nessa região, além de promover a gentrificação do local, possibilitaram encontrar parte dessa história, uma vez que todo um complexo arquitetônico foi erguido sobre o antigo cais e seus arredores, soterrando sua história, seus traumas e suas violências, que seguem assombrando a vida de um país que se recusa a dar certo, perpetuando o sofrimento ancestral. Que imensa oportunidade de resignificação dessa história perdemos pela falta de sensibilidade da gestão pública, ainda colonizadora, de nosso país.

Ali no Valongo e no centro do Rio, o espetáculo público da escravidão, com seus ritos, suas crueldades, humilhações, açoites e assassinatos públicos, marcou as gerações dos primeiros brasileiros que vinham se juntar na mestiçagem e na mistura cultural já em franca fermentação, sempre nas camadas populares, nunca nas elites, que são separadas do mundo e da realidade, focadas no projeto de dominação e controle. Imaginem as imagens atrozes que marcaram de forma indelével a cidadania brasileira neste período

da escravidão. É absolutamente possível que seja essa a causa do caos na segurança pública e na organização política brasileiras, pois as elites escravocratas seguem com a mesma crueldade de psicopata genocida dos senhores de sempre. Como nos diz o antropólogo e psiquiatra Gregory Bateson:

"Do ponto de vista das pessoas que começaram a confusão, não é tão louco; eles sabem o que aconteceu e como eles chegaram ali. Mas as pessoas abaixo na linha [de ancestralidade], que não estavam lá no começo, se encontram em um universo louco, se acham loucos, precisamente porque eles não sabem como ficaram daquele jeito."(p. 481)
Bateson, G. Steps to an Ecology of Mind. (1972) The University of Chicago Press: Chicago, USA.

Os níveis de saúde da população negra demonstram que especialmente eles ainda sofrem muito pela repetição traumática da opressão. Basta que vejamos as taxas de homicídio entre jovens negros constantemente golpeados em seus direitos humanos e cidadãos. Para cada morte violenta, estudos científicos encontraram outras 62 outras mortes de causas não violentas relacionadas, como infarto, derrame, depressão e suicídio. É hora de enfiarmos o dedo nessa ferida e debatermos ampla e coletivamente o tema para que todos saibam que não precisamos e não devemos mais sofrer.

O Trauma Fundamental: a tragédia do Dr. Fausto.

Após a revisão de nossa experiência e da literatura científica disponível, chegamos a um trauma essencial da cultura ocidental e brasileira. O trauma da retirada do Deus interior e a criação do Deus exterior - o Deus imanente e o Deus transcendente. O Deus, o divino, que está misturado a nós, dentro de nós e dentro do outro contra o deus exterior, separado, superior punitivo, controlador, autoritário. Esse trauma instalou-se com a fundação do judaísmo, em torno desse Deus único, derivado dos deuses antigos como Zeus, Cronos,

Oxalá-velho - Oxalufã, os deuses criadores da humanidade e do mundo, os deuses da palavra e da consciência.

Deus Imanente e Deus Transcendente: surge o corpo máquina.

"Deus" parece ser uma palavra poderosa, que fala da luz da consciência, do entendimento, da compreensão e da aceitação das diferenças, da amorosidade que nos fundou e fundou nossa humanidade. Esse Deus “é causa imanente de todas as coisas”, como afirma Spinoza. Trata-se da substância eterna e infinita, está em tudo e a todo momento. É a visão generalizada em todas as sociedades originárias, em todos os povos da terra. Ao colocar o Deus masculino acima de todos, portador da verdade única e da interpretação correta sobre a natureza, criamos o culto cego da autoridade de seus representantes, criamos a noção de separação entre os elementos da natureza, a visão necessária à competição, à evangelização, à conversão forçada, à colonização, à guerra e ao genocídio. Surge o homem-máquina, de racionalidade cega e total, império da razão, do "penso, logo existo". Eu existo, o outro talvez, se pensar. Se não pensar ou se não pensar segundo a minha racionalidade e a razão do meu Deus único, da minha verdade única, será esmagado. E o outro, o mundo e a natureza são meus inimigos e inimigos de meu Deus. São o Diabo, o demônio, inimigo que será aniquilado, queimado vivo, escravizado, desmoralizado por todas as maneiras que forem possíveis. Surge a verdade objetiva, a interpretação única da natureza. O sonho da razão produz monstros, o delírio da razão produz monstros. A noção que se radicalizou na modernidade, de que a natureza é máquina, o corpo é máquina, de que os fenômenos devem ser compreendidos através dos modelos da matemática, proporcionou, por exemplo, o conhecimento necessário para quebrar a estrutura dos átomos, ao mesmo tempo que possibilitou o desenvolvimento de bombas atômicas, extremamente eficientes no projeto de aniquilar a vida. O homem-máquina atingiu poderes divinos, pensa que é Deus. Podemos verificar a perpetuação do trauma-pesadelo que daí resulta ao longo da história, através de todas as guerras, tentativas de dominação, estupros, assassinatos. Tamanha é a crença cega em uma

verdade objetiva sobre a realidade, que violentamos a nós, a nossa cognição, a toda natureza e humanidade. Adquirir consciência é o único caminho para a libertação. Transformar tabu em totem. Devorar, metabolizar e recriar. Só a antropofagia nos une.

"Só a antropofagia nos une."

Em 1556, a autoridade máxima da igreja católica portuguesa no Brasil, o Bispo Sardinha, preocupado com os excessos de mestiçagem dos colonos portugueses, parte para Lisboa, em busca de trazer mulheres portuguesas, para branquear a população. A mestiçagem, no seu entendimento, representava risco real à colonização do Brasil.

Obra das forças do inconsciente, o barco de Sardinha naufraga nas costas de Alagoas. Sardinha é capturado pelos índios Caetés, praticantes da tradição da antropofagia, onde toda a tribo realiza um ritual que envolve a captura, o sacrifício e a preparação das partes do cadáver, para serem devoradas. Acreditavam que com isso absorveriam os poderes mágicos do inimigo, para aprender dele seus segredos, suas forças, as diferenças e possíveis ameaças à própria existência da tribo. Devorar as contradições, o outro lado, o Fausto, a sombra, aquilo que traz medo e insegurança. O ato de devorar significa entrar em contato com o outro, por meio de nossos intestinos, nossa maior superfície externa, que tem 100 metros quadrados e é sede de nossa atividade imunológica, que estabelece as relações entre nós e o mundo. Os desequilíbrios dessas relações são característicos dos sistemas biológicos, eles próprios sistemas afastados do equilíbrio, que geram a si próprios, organizam si próprios, autocriam-se, são autopoiéticos. A própria organização viva é permanente transformação, ciclo, metamorfose, diálogo, comunicação.

Oswald de Andrade compreendeu a natureza dialógica do processo de formação dos sistemas vivos, e elaborou que a tradição antropofágica dos indígenas brasileiros é uma metáfora poética para o processo, rito iniciático, que todos os brasileiros, para se reconhecerem brasileiros, precisaram ter atravessado. E que é certo que a parte maior de nossa população, ainda oprimida demais para descobrir sua própria identidade, aprisionada

irracionalmente nos traumas do passado, debatendo-se dentro de uma bruma luminosa de afirmações e superstições antigas, literalmente se autodestruindo em nível epidêmico, promovendo a doença e o atraso.

O cientista, ciberneticista, antropólogo da psicologia e da comunicação Gregory Bateson, em seu livro "Passos para uma Ecologia da Mente" explica assim:

"Se você promete para seu filho alguma coisa, e depois o renega, disfarçando a coisa toda num alto plano ético, provavelmente você vai descobrir que ele não só está com muita raiva de você como também atitudes morais dele deterioram uma vez que ele sente a chicotada do que você está fazendo para ele."(p.480)

Romper o ciclo da doença passa fundamentalmente pela compreensão de sua natureza profunda inconsciente, de ideias obscuras instaladas dentro de nós pela violência física e psicológica, tão difíceis de lidar através dos meios cotidianos de expressão na família e na comunidade. Mas passíveis de serem abordados através das expressões culturais criadoras, que desvelam novos olhares, novos entendimentos sobre velhos problemas. Através da comunicação pública, estas soluções poderiam ser ensinadas rapidamente a muitas pessoas.

Precisamos, entretanto, nós brasileiros, neste momento histórico, abraçar todas as nossas sombras e obscuridades para que, compreendendo-as melhor, possamos nos libertar de nosso passado de opressão. O homem é o único perigo para ele próprio. Por meio do conhecimento claro e adequado sobre nossa história, nossos medos, nossos traumas históricos e transgeracionais, conforme busquei discutir neste artigo, poderemos lançar luz e nos reorganizar para evitar a repetição da tragédia da arrogância, da violência, da crença cega de que a realidade é única, de que o Deus é único e está fora de nós. Está dentro, e é poderoso, capaz de nos ligar a tudo que vive, restaurando nosso sentimento verdadeiramente humano e biológico. Levanta ser humano, o cativeiro é ideológico.

Canto das três raças

Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro.

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativeiro
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou

Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

ô, ô, ô, ô, ô, ô
ô, ô, ô, ô, ô, ô

ô, ô, ô, ô, ô, ô

ô, ô, ô, ô, ô, ô

E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador

Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor